

“EU SOU ATLETA!”: MUNDO VIVIDO NA GINÁSTICA RÍTMICA ADAPTADA

"I AM AN ATHLETE!": THE WORLD EXPERIENCED IN ADAPTED RHYTHMIC GYMNASTICS 

"¡SOY ATLETA!": EL MUNDO VIVIDO EN LA GIMNASIA RÍTMICA ADAPTADA 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139576>

 **Enoly Cristine Frazão da Silva*** <enoly@usp.br>

 **Lionela da Silva Corrêa**** <lionela@ufam.edu.br >

 **Michele Viviene Carbinatto*** <mcarbinatto@usp.br >

* Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil.

** Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, AM, Brasil.

Resumo: Contrariamente aos preceitos capacitistas sobre o corpo da pessoa com deficiência, revelamos a percepção da experiência vivida por uma atleta com Síndrome de Down na ginástica rítmica adaptada pertencente ao quadro do alto rendimento e participante de eventos nacionais e internacionais. Alicerçada na pesquisa qualitativa com análise fenomenológica, a construção dos dados foi realizada pelo cruzamento de informações advindas de um questionário informativo, duas entrevistas e uma observação não participante. Nossas análises revelaram um efetivo reconhecimento do ‘ser-atleta’, evidenciado nos dualismos e paradoxos esportivos, como vitória e derrota, e na (com)vivência - familiares, treinadora, juízes e o público. Ao dar foco para a experiência vivida a uma pessoa com deficiência no esporte, vislumbrou-se subsidiar a emancipação e empoderamento desse público na área, transcendendo prerrogativas cartesianas de corpo, revelando um mundo esportivo vivido para e por todos.

Palavras-chave: Ginástica. Síndrome de Down. Filosofia. Pesquisa Qualitativa.

Recebido em: 28 abr. 2024
Aprovado em: 26 set. 2024
Publicado em: 02 nov. 2024



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

1 INTRODUÇÃO¹

As práticas corporais, ao longo da história, foram profundamente influenciadas por paradigmas que exaltam padrões de corpos idealizados e a busca pela perfeição física. Essas concepções refletem normas culturais que promovem uma visão restritiva e muitas vezes excludente do corpo, enfatizando a conformidade a certos padrões de beleza, força e habilidade (Merleau-Ponty, 2018; Boaventura; Vaz, 2020; Carbinatto, 2022). A diversidade corporal é frequentemente marginalizada, criando barreiras para a inclusão e a aceitação de diferentes formas e capacidades corporais. Entre conceituações sobre o corpo, vinculadas com eficiência e estética, o corpo da pessoa com deficiência foi estigmatizado e segregado (Thomas, 2002; Silveira *et al.*, 2012; Gavério, 2017; Carbinatto, 2022). Por conseguinte, a invisibilidade desse público nas práticas esportivas (Fonseca, 2012; Franco; Oliveira Neto, 2020).

A abertura e consolidação do esporte para pessoas com deficiência foram intimamente relacionadas a novos modos de pensar o corpo (Carbinatto, 2022; Pereira; Saraiva, 2017). Na perspectiva de corpo-máquina, o corpo é percebido como um instrumento voltado para o alto desempenho no qual performances são justificadas pela explicação quantificada do movimento. Desenvolveu-se práticas corporais racionais e científicas, com ênfase na economia da energia nos movimentos, refletindo na sistematização análoga às máquinas: repetitivos, semelhantes e sincronizados (Góis Junior; Soares; Terra, 2015).

Ideias capitalistas, rendimento maquinal e reconhecimento exclusivamente do melhor são comumente destacados na experiência vivida pelo atleta no esporte (Góis Junior; Soares; Terra, 2015; Le Breton, 2003; Surdi, 2020). Nessa assertiva, mesmo quando a pessoa com deficiência está envolta no rendimento esportivo, sua experiência é vista quase exclusivamente como um exemplo de superação (Salerno; Miyashiro, 2022; Seron *et al.*, 2021; Vendramim, 2019), não em virtude do seu desempenho atlético técnico e estético.

Schantz (2021) esclarece que a emancipação esportiva da pessoa com deficiência transpassa narrativas históricas sobre identidade e autoestima, poder e dominação, reconhecimento e dignidade e que, apesar da consolidação de eventos para este público, bem como a legitimidade de seus direitos no esporte, é preciso cautela em relação à trama político-social historicamente envolvida neste processo, como, por exemplo, o modelo médico que negligenciou o papel das pessoas com deficiências na tomada de decisão, tendo nas estratégias do biopoder a definição das atividades físico-esportivas mais adequadas para a pessoa com deficiência; a promoção de personagens paternalistas e míticos (Peers, 2009) daqueles que propusessem algo para auxiliar a pessoa com deficiência – enraizados no caráter de bondade pelo apoio aos mais “fracos e dependentes”, bem como o discurso purista da classificação esportiva que a ignora como possível tecnologia de dominação do

¹ Este artigo é desdobramento de: SILVA, Enoly Cristine Frazão da. **Quero vencer, mas se não puder vencer, quero ser valente na tentativa**: A percepção da experiência vivida no esporte por uma atleta de ginástica rítmica adaptada. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.39.2024.tde-02072024-100010>

corpo (Howe; Jones, 2006). Soma-se as divergências em que os eventos voltados para pessoa com e sem deficiência são abordados em projetos e mídia em geral (Silva; Nunes; Amorim, 2022), reforçando estereótipos de rendimento atlético como o de força física e virilidade, inclusive selecionando as deficiências reportadas, priorizando cadeirantes e deficiência física àquelas sensoriais e intelectuais.

Isso posto, historicamente, efetivar a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade demandou (e ainda demanda) ações inter e multidisciplinares, como os avanços paradigmáticos na filosofia e na ciência ao longo do século XX para uma releitura do corpo, especialmente com as correntes da fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. Esses filósofos ampliaram os debates sobre o corpo em sua totalidade, buscando transformá-lo em corporeidade, uma unidade expressiva de sua existência (Nóbrega, 2010; Salerno; Carbinatto, 2022; Surdi, 2020). O corpo é visto como um ser-estar-no-mundo, uma unidade que transcende a grandeza de uma obra de arte, sendo essa obra a própria vida. Então, o movimento é considerado uma manifestação da relação sujeito-mundo e uma expressão de como nos relacionamos com o mundo e como este se apresenta para nós, transcendendo-o como mudança de espaço, para uma expressão fundamental da existência humana e, por isso, repleta de significado (Merleau-Ponty, 2018).

De forma gradual, a inclusão das pessoas com deficiência segue em um caminho aparentemente moroso, mas profícuo. Em 2021, o novo *Guia de Atividade Física para a População Brasileira* dedicou um capítulo específico para esclarecer pontos cruciais sobre a prática de atividade física para pessoas com deficiência, visando reverter quadros sedentários. Em 2022, reestruturou-se a Lei de Incentivo ao Esporte, Lei nº 14.439 de 24 de agosto de 2022 (Brasil, 2022), permitindo que organizações não governamentais recebam investimentos de pessoas físicas e jurídicas, que optam por destinar recursos fiscais do imposto de renda a projetos esportivos e paradesportivos em todo o território nacional. Porém, significativos avanços ocorreram com a Lei Geral do Esporte (Lei n. 14.597 de 14 de junho de 2023) que enfatiza o direito à prática esportiva como direito social de todos e para toda a vida, “notadamente às pessoas com deficiência e às pessoas em vulnerabilidade social”, quer seja na reabilitação, “até a oportunidade de vivenciar eventos competitivos, proporcionando uma experiência completa no mundo esportivo” (Brasil, 2023).

Ainda que avanços tenham sido notados no âmbito legislativo e eventos com viés esportivo-competitivo tenham se ampliado consideravelmente (Benfica, 2012; Carvalho, 2006; Seron; Greguol, 2020; Torri; Vaz, 2017; Winnick, 2005), como é o caso dos Jogos Paralímpicos, *Trissone Games*, Surdolimpíadas e Olimpíadas Especiais, parece haver morosidade na implantação, acesso e consolidação de algumas práticas, como é o caso da ginástica (Bortoleto, 2022; Silva *et al.*, 2022).

Na Federação Internacional de Ginástica (FIG), órgão que institucionaliza as ginásticas, o discurso sobre a ginástica para pessoa com deficiência tem sido atrelado à prática da Ginástica para Todos (GPT), pois esta tem como premissa a massificação daquela prática e sua possibilidade a pessoas com qualquer nível técnico, raça, sexo, gênero, situação social, idade, dentre outros (FIG, 2023). De certo modo, a

entidade legítima a participação da pessoa com deficiência, mas na prerrogativa voltada essencialmente na prontidão demonstrativa, voltada ao lazer e vida ativa. Foi apenas no final do ano de 2023 que a FIG lançou um *webinar* sobre *Para-gymnastics* com indícios de sua possibilidade no âmbito competitivo e codificado.

Este artigo aborda, mais precisamente, a Ginástica Rítmica Adaptada (GR Adap) pelo viés competitivo, representado no evento das Olimpíadas Especiais, sobretudo para atletas com deficiências intelectuais, circunscrito aqui à Síndrome de Down. Neste, as atletas apresentam rotinas acompanhadas pela música e os aparelhos: fita, arco, bola, maça e corda a depender do período e nível competitivo. O código de pontuação tem inspiração na Ginástica Rítmica (GR) da FIG, mas com mudanças que atendem à pessoa com deficiência, garantindo o *fair play* esportivo, inclusão e níveis de complexidade que variam de acordo com habilidades corporais e aparelhos utilizados, assegurando que cada participante seja desafiado de acordo com suas capacidades (Sarôa; Salles, 2022). Comumente, o julgamento é realizado observando a execução dos movimentos e possíveis descontos, aspectos da memorização, musicalidade, expressão, impressão geral (boa técnica, confiança), bem como descontos neutros, como vestimenta e aparelhos fora das normas, comunicações com treinadores etc.

Aludimos à GR Adap o desafio dos paradigmas tradicionais de padrão corporal na modalidade (Boaventura; Vaz, 2020), pois a abertura do ginásio para as pessoas com deficiência parece questionar a rigidez dos padrões estéticos e performáticos que historicamente excluíram corpos fora da norma. Ao valorizar a expressão individual e o potencial único de cada uma, a GR Adap contribui para a desconstrução de conceitos limitadores sobre o que é considerado belo ou tecnicamente adequado.

Pereira e Medeiros (2016), utilizando uma abordagem fenomenológica para investigar a relação entre corpo e estética na GR, destaca como a técnica é incorporada de forma reflexiva trazendo à superfície movimentos inovadores ao analisarem rotinas da equipe russa nos Jogos Olímpicos de Londres (2012). Por ser multifacetada e aberta a interpretações, o corpo não é simplesmente submetido à técnica instrumentalizada, mas a incorpora de forma absorta, criando e recriando movimentos que transcendem codificações do alto rendimento. Assim, a técnica é vista não apenas como um conjunto de movimentos padronizados, mas como um meio que permite a expressão criativa e a descoberta. Essa perspectiva pode ser utilizada para argumentar que a prática da GR Adap permite que pessoas com deficiência também participem e se expressem criativamente. Ao enfatizar a interdependência entre corpo e técnica e a capacidade de subverter imposições, os autores sugerem que a proposta pode ser adaptada para acolher a diversidade corporal, valorizando as habilidades únicas de cada indivíduo.

Estudos como os de Silva e Carbinatto (2024), Sarôa e Salles (2022), Leite e pesquisadores (2020), bem como o *Guia para Treinadores* de GR Adap das Olimpíadas Especiais (Special Olympics, 2008; 2016), confirmam as benesses da prática para esse público, em que as adaptações nas rotinas e exigências técnicas são feitas para corresponder às capacidades dos atletas, o que pode incluir ajustes

na duração das apresentações, na complexidade dos movimentos e na escolha dos aparelhos, sem dirimir o que é a prática: o manejo de aparelhos acompanhado por uma música apresentado com expressividade ao público!

No âmbito das pesquisas científicas, estudos sobre a ginástica e as interfaces da pessoa com deficiência, independentemente do nível de prática, ainda são incipientes. Estudos de Oliveira, Barbosa-Rinaldi e Pizani (2020) e Oliveira e pesquisadores (2024) ao analisarem as produções de teses e dissertações sobre ginástica no Brasil, afirmam que estudos na GRAdap são pífios. Silva e pesquisadores (2023a, 2023b) ao realizarem um estudo de revisão sobre competição esportiva em periódicos nacionais, reforçam a inexistência de estudos sobre a temática, inclusive, com o enlace da pessoa com deficiência. Outrossim, a invisibilidade dessa prática nas mídias, tanto com reportagens jornalísticas (Silva; Nunes; Amorim, 2022) quanto nas mídias sociais (Reis-Furtado, *et al.*, 2021) é confirmada por dados empíricos. Por vezes, as matérias apresentam traços capacitistas na forma como abordam a ginástica para pessoas com deficiência, ora como um corpo frágil, ora como exemplo de superação.

Logo, aportadas pelos estudos na fenomenologia, nos indagamos: Considerando a prática de esporte, mais especificamente da GR Adap e sua vertente competitiva, seria possível dar voz e escuta para a experiência vivida no esporte pela pessoa com deficiência? Estaria essa percepção próxima ao que refletimos como essência esportiva² (Bento, 2004) ou essa percepção vincula-se a uma instrumentalização da prática? Então, o objetivo deste estudo é o de revelar a percepção da experiência vivida na GR Adap por uma atleta com Síndrome de Down, pertencente ao quadro competitivo da prática.

2 METODOLOGIA

Na perspectiva de desvelar o fenômeno do corpo que pratica ginástica, esta investigação fez uso da pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso com abordagem fenomenológica, que propõe criar um caminho descritivo e rico em detalhes para explicar a essência no núcleo investigado, relatando o espaço, o tempo e o mundo vivido (Santos; Raimundo, 2017). Embasadas em Merleau-Ponty (2018), refletimos sobre a percepção pelo corpo, com sistematização e sensibilidade próprias da análise.

A descrição da percepção da experiência, seguindo a essência do núcleo investigado pela abordagem fenomenológica, envolve a compreensão direta e profunda do vivido, buscando captar a essência das experiências subjetivas dos indivíduos. Na fenomenologia, essa descrição não se limita a uma mera observação externa, mas mergulha na maneira como o sujeito percebe e interpreta o mundo ao

2 Bento (2004, 2007), renomado estudioso da filosofia do esporte, defende que a essência esportiva está enraizada no conceito de *autotelia*, ou seja, o esporte é praticado por um fim em si mesmo, motivado pela busca intrínseca de superação, prazer e autodescoberta. Segundo Bento, o esporte transcende a mera atividade física; é uma expressão humana que envolve desafios, a aplicação de habilidades e o enfrentamento de adversidades, tudo dentro de um contexto de regras e espírito de jogo. A essência esportiva, para ele, reside na pureza dessa busca por excelência, onde o ato de competir e se aprimorar é mais significativo do que o resultado ou a obtenção de recompensas externas. Em sua visão, o esporte é uma metáfora da vida, onde o valor está na jornada, no esforço dedicado e na integridade com que se participa, refletindo princípios éticos e valores humanos fundamentais.

seu redor, em seu próprio contexto. A fenomenologia procura descrever o fenômeno tal como ele se apresenta à consciência, revelando as estruturas essenciais dessa experiência. Isso implica uma suspensão do julgamento (*epoché*) para evitar contaminações externas e capturar a pura essência do fenômeno (Patrício; Corrêa; Carbinatto, 2024).

A abordagem fenomenológica na descrição dos dados visa contemplar e refletir sobre a experiência vivida, não em busca de uma proposição definitiva sobre as coisas e as pessoas, mas como um esforço contínuo para permanecer no caminho da compreensão (Nóbrega, 2010). Portanto, a percepção da experiência, sob essa ótica, não é apenas uma percepção sensorial, mas uma compreensão profunda e significativa do que é vivido, onde o pesquisador busca, através de uma descrição minuciosa, revelar as dimensões essenciais que compõem essa vivência.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade de São Paulo, identificada com o CAAE: 56048121.0.0000.5391.

2.1 PROTAGONISTA DA PESQUISA

Érika Coimbra (legítima³) é uma atleta adulta com Síndrome de Down, de GR Adap, com experiência na participação em eventos nacionais e internacionais, sua classificação de nível 4 permite apresentar-se com rotinas livres nos aparelhos: corda, bola, maçãs e fita. É integrante do “Programa de Esportes Adaptados” (PROESA) na cidade de Limeira/SP. Com o objetivo de auxiliar a atleta no resgate de memórias vividas, permitiu-se a presença da treinadora ou de sua mãe. Revelamos que ambas clarificaram apenas aspectos cronológicos, pois a protagonista comunicou-se de maneira bastante efetiva.

2.2 CONSTRUÇÃO DOS DADOS

A construção dos dados foi realizada por meio do cruzamento de informações advindas do questionário informativo, duas entrevistas (parte I) e uma observação não participante (parte II). A parte I foi realizada no ano de 2021, ainda durante a pandemia da COVID-19 e, portanto, realizada de maneira *on-line*, utilizando a plataforma *Google Meet*®. Uma vez que a autonomia e comunicação da ginasta é bastante esclarecedora, esses momentos da construção dos dados foram bastante eficientes. A parte II foi realizada posteriormente, em 2022, quando os eventos competitivos foram retomados e houve a confirmação da atleta em um deles.

O questionário foi aplicado no primeiro encontro, com a perspectiva de obter informações gerais sobre a atleta entrevistada: tipo de deficiência, gênero, faixa

3 O nome verdadeiro em pesquisa qualitativa pode ser justificado em contextos em que a identidade do participante é central para a compreensão do fenômeno estudado e onde há um consentimento informado e explícito. Além disso, quando o nome verdadeiro é utilizado, há um reconhecimento do poder da narrativa individual, conferindo autenticidade e legitimidade à voz do participante. Logo, o uso do nome verdadeiro foi uma decisão tomada em conjunto com o participante, responsável direta (mãe) e treinadora, levando em consideração tanto os benefícios para a pesquisa quanto os potenciais riscos para a pessoa envolvida. Ademais, a utilização do Método Visual, Observação Participante, a relevância da atleta na GR Adap levaria a identificação e, por bem, optamos pela identificação direta e autorizada.

etária, experiência com esportes em geral, experiência na GR Adap, experiências em festivais e competições de GR Adap.

Então, seguiu-se para a entrevista fenomenológica (Santos; Raimundo, 2017; Patricio; Corrêa; Carbinatto, 2024), realizada a partir de uma pergunta norteadora relacionada à percepção da experiência vivida no esporte (contato inicial, treinos e eventos): “Conte-me sobre você e a ginástica”. Sem perguntas pré-determinadas, instigou-se a construção de um diálogo com base em *insights* do pesquisador e do próprio fenômeno (Santos; Raimundo, 2017) e instigadas pelos preceitos da atitude fenomenológica no ato de pesquisar, explicada por Patrício, Corrêa e Carbinatto (2024). Perguntas adicionais, como: “o que é ginástica para você?” e “como você se percebe ao se movimentar na ginástica?”, foram consideradas para alcançar os objetivos da pesquisa. Este primeiro encontro teve a duração de uma hora e seis minutos.

No segundo encontro, nossa entrevista se pautou no Método Visual, cuja proposta é utilizar durante entrevistas artefatos, ou seja, objetos, fotografias, filmes/vídeos ou quaisquer tipos de imagens visuais (Harper, 2002; Neiva-Silva; Koller, 2002). Preconiza-se a aproximação do entrevistado à temática, pois ao explicar sentidos/significados e percepções sobre o artefato, pode tornar o discurso mais simples e confortável.

Inicialmente, solicitamos que a atleta separasse artefatos significativos da sua experiência como atleta de GR Adap, ou seja, elicitación de seu acervo pessoal, que perdurou por uma hora e oito minutos. A atleta apresentou 6 objetos: foto de uma apresentação de balé vestida de florista; collant vermelho usado em uma competição internacional; corda de GR nas cores azul-escuro e azul-claro e um par de maçãs cor-de-rosa; medalhas conquistadas como atleta em competições internacionais; revista em que foi entrevistada; anuário da cidade de origem em que foi homenageada.

Então, realizamos a elicitación de imagens previamente selecionadas pelas pesquisadoras, com o tempo de aplicação de 23 minutos. Essas imagens poderiam conectar o entrevistado a experiências, mesmo que não ilustrassem a vida real.

Seguindo orientações do Método Visual (Harper, 2002; Neiva-Silva; Koller, 2002), a escolha de imagens pela/o/s pesquisadora/o/s é um processo intencional e cuidadoso, voltado para capturar e revelar aspectos específicos do fenômeno estudado, neste caso, a GR no seu âmbito competitivo. Logo, selecionam-se imagens que tenham o potencial de ilustrar, contextualizar ou aprofundar a compreensão das experiências, práticas ou significados que estão sendo investigadas. Essas imagens podem ser fotografias, vídeos, desenhos, ou qualquer representação visual que ajude a comunicar nuances e dimensões que as palavras, por si só, podem não expressar plenamente. A seleção é guiada pela relevância das imagens em relação aos objetivos da pesquisa e pela capacidade delas de engajar a/o entrevistada/o na reflexão. Ademais, também considera o impacto estético e emocional das imagens, buscando provocar uma resposta que ressoe com as experiências e que enriqueça a interpretação dos dados qualitativos coletados. Harper (2002) orienta a seleção de 10 a 15 imagens sobre assuntos envoltos ao fenômeno, sendo elencados medalhas,

os aparelhos de GR, juízes, atletas, etc. É importante que o/a protagonista do estudo reflita sobre as imagens e, pode ser que, todas as imagens sejam selecionadas. Neste caso, é importante que o/a mediador/a instigue à reflexão e justificativa em cada uma delas e, se possível, as prioritárias.

Apresentamos à Erika 10 imagens, entre as quais a atleta selecionou 7: uma atleta com Síndrome de Down com medalhas no peito; um pódio com uma atleta de GR em cada colocação; uma atleta com o arco; crianças manipulando o aparelho fita; atleta realizando uma rotina com a corda; maçãs e bola, nessa ordem.

A observação não participante (Oliveira; Santos; Florêncio, 2019), registrada por meio de diário de campo (escrito, gravado, filmado e fotografado) foi realizada em um evento competitivo — os Jogos Municipais Adaptados de Limeira, em setembro de 2022. O evento ocorreu pela manhã e teve duração total de quatro horas. Descrevemos o comportamento da atleta durante a competição (preparação e concentração), apresentação e premiação.

2.3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição completa das entrevistas, o processo de análise fenomenológica foi conduzido seguindo quatro etapas distintas (Sokolowski, 2012): a. análise em síntese - leitura minuciosa de cada relato, para identificar as experiências significativas alinhadas aos objetivos da pesquisa; b. redução fenomenológica ou redução eidética - abordagem rigorosa e gradual, para identificar a estrutura fundamental da vivência; c. cruzamento intencional, que envolveu a análise simultânea de temas, buscando relações e semelhanças, padrões e conexões e; d. redução, com descrição fenomenológica detalhada de como a experiência se manifesta na protagonista, analisando as perspectivas do mundo investigado pela intersubjetividade.

O cruzamento de dados entre questionário, entrevistas e observação não participante, quando analisado sob as premissas da análise fenomenológica, envolve uma abordagem centrada na experiência vivida e na percepção do corpo como ponto central de compreensão. A análise fenomenológica busca compreender como os indivíduos experienciam o mundo, priorizando suas percepções subjetivas e o significado que atribuem às suas vivências. Neste processo de recursividade analítico-reflexiva, surgiram temas como aqueles envolvidos ao processo de treinamento; os eventos esportivos; reconhecimento entre pares; apoio da família; formação de amizades e autoestima. No entanto, tais aspectos foram tratados em sua densidade corpórea e, por isso, nas premissas de Merleau-Ponty e a corporeidade, buscamos interconectores que atravessavam seu corpo.

Assim, a busca pela assertividade do movimento da GR que envolveu a percepção de limites, possibilidades, acaso e imprevisibilidade que tiveram no treinamento e competição, o mundo vivido foi revelado no seu ser-atleta. As colegas, treinadora, juízes, familiares transpareceram as inferências na convivência e o mundo vivido na GR que revelou um tocar e tocar-se (Merleau-Ponty, 2018) bastante promissor.

3 SER-ATLETA: RECONHECER-SE PARA ALÉM DA DEFICIÊNCIA

Érika, paulista, aos 32 anos de idade, possui sua história de vida intrínseca ao corpo em movimento e suas prerrogativas artístico-estéticas. Fez ballet clássico e encontrou na GR Adap a possibilidade de vivenciar uma proposta metodológica que melhor atendesse a sua condição corporal, uma vez que ela explicita que na dança deveria – insistentemente – responder a comandos e normativas de movimento padronizados que a desmotivava e relembra de frases e ações capacitistas advindas de seu professor. Contrariamente, evidencia que a treinadora da nova modalidade conduzia as atividades respeitando os limites e instigando as potencialidades da ginasta. Não por acaso, há mais de 10 anos é atleta e volta sua prática para o alto rendimento. Para Érika, ‘ser atleta’ envolve o seu deleite com o esforço e com o risco no palco esportivo e sua relação com o mundo e com os outros.

Bento (2004, 2007) frisa que a competição esportiva vai além do confronto direto ou indireto entre adversários em busca de vitória e representa uma profunda manifestação da natureza humana em um ambiente de regras e respeito mútuo. Logo, revela-se como uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal e coletivo, no qual a ética e a integridade são tão importantes quanto a habilidade técnica. O autor entende a competição como um espaço de autodescoberta, na participação com dedicação e esforço, celebrando o esporte como uma expressão da excelência humana. Para tanto, elucidamos dois pontos: o viver paradoxos e dualismo esportivo (vencer/perder; esforço/prazer; seriedade/diversão) inspiradas na premissa fenomenológica “eu-mundo” e as relações inerentes do “eu-outro”, da com(vivência).

3.1 PARADOXOS E DUALISMOS DO PALCO ESPORTIVO

Em grandes eventos esportivos acontece o juramento do atleta, quando os participantes levantam o braço direito perpendicular ao solo e repetem o discurso de honra esportiva. Competidores comprometem-se perante os espectadores à busca pela excelência, que implica dar o seu melhor com honestidade e resiliência, fato que transcende o âmbito esportivo.

Érika rememora esse momento na abertura das Olimpíadas Especiais - evento voltado à pessoa com deficiência e que possui no rol de competições a GR Adap - nos convidando a repetir o discurso incorporado em seu ser-atleta:

Érika: Quero vencer! E vocês tem que repetir...

Pesquisadoras: Quero vencer

Érika: Mas se eu não puder vencer...

Pesquisadoras: Mas se eu não puder vencer ...

Érika: Quero ser valente.

Pesquisadoras: Quero ser valente.

Érika: Na tentativa.

Pesquisadoras: Na tentativa.

Érika: Eu juro.

Pesquisadoras: Eu juro.

Lágrimas escorrem pelo rosto da entrevistada. Divaga sobre o saudoso momento, mas afirma a dureza do vivido no presente: o isolamento social e o sentimento da falta de competir, do treino e de estar com colegas e treinadoras. Uma vez que esse grupo é considerado de risco, o retorno para as atividades presenciais fora ainda mais cauteloso, sendo a parte I da construção dos dados ocorrida durante o momento pandêmico.

Após transparecer das emoções, ela retoma a entrevista e frequentemente comenta sobre competições, confirmando a intrínseca relação entre a experiência esportiva e o evento competitivo, corroborando teóricos de que a competição se revela como desafio da excelência (Bento, 2004) e impulsionador da permanência no esporte (Silva *et al.*, 2023b). Há a representação da potência e limite do atleta, que o torna central no mundo vivido esportivo.

Nesse cenário, os paradoxos são incorporados. Érika esclarece momentos de alegrias, tristezas, dor e satisfação, medos e descobertas. Enfatiza, pois, o nervosismo nos bastidores, sobretudo momentos antes da entrada no tapete de apresentação: “Eu fico nervosa para a apresentação, aí a treinadora fica assim [realiza movimentos de massagem em seu ombro], ‘calma, relaxa’, para me acalmar [risos]”. Ela parece, claro, alcançar a essência da competição (Bento, 2004, 2007), aceitar o desafio e enfrentar o destino, afinal, ser atleta

é se deleitar com o esforço e com o risco, sujeito a ganhar às vezes e a perder muitas outras, e de ter que aprender a perder e a suportar a derrota, mas sem perder a face, a determinação e o gosto de insistir, treinar e competir, de tentar e ousar, de melhorar e progredir. Chama-se a isto vencer, viver e existir (Bento, 2007, p. 318).

Érika narra um episódio de tensão, quando lançou o arco - momento ápice da sua coreografia - e percebeu que poderia perder o aparelho: “eu fecho meus olhos, dentro de mim, assim, respira [ela demonstra corporalmente o movimento, fecha os olhos e faz o lançamento], na hora que solta o arco, misericórdia, aí deu o desespero, aí peguei o arco e acabou, na hora, mas eu fiquei apavorada”. Quando recupera o aparelho, prossegue para o desfecho. Claramente, entrecruzamentos entre a experiência vivida e o ser-atleta está circunscrito em sua corporeidade (Alves; Ota, 2023). Inclusive, a ginasta revela que na sua primeira competição – em uma cidade no interior de São Paulo – ela lançou um arco já no final da rotina e precisou orientar-se para compreender a força, a trajetória e manter o foco para recuperá-lo. Tal fato a alertou sobre as imprevisibilidades que o esporte pode trazer, como a não recuperação do aparelho. Provavelmente, nas sessões de treino, exploraram-se movimentos e comportamentos para se adaptar às reações que o retorno do arco provocava, revelando sua capacidade de ajustar-se às situações (Porto, 2005).

Acrescentamos que, para a ginasta, o arco é o aparelho mais desafiador - “toda vez que eu jogo para cima, para lançar, ele cai no chão, e para competição não pode, tem que lançar, pegar e continuar” (Érika), -, mas que a aquisição de atributos é inerente ao ser-atleta, porquanto

desenvolver as capacidades da resistência e persistência, tendo em conta que a vida é bela, mas também é dura e que é muito tênue a linha de separação entre a vitória e a derrota. Pelo que é importante nunca desistir,

saber lidar com as adversidades e contrariedades, com os erros, com os problemas e os insucessos, encarando-os como pretextos e oportunidades de aprendizagem, de crescimento e desenvolvimento (Bento, 2007, p. 107).

A ginasta também discorreu sobre uma situação com a corda. Normalmente confiante, durante uma rotina o aparelho enroscou em uma coroa que ela usava sobre o coque no cabelo: “no meio da apresentação todo mundo [o público] estava com a cara [expressão de assustada], aí, misericórdia [risos], aí a corda foi no enfeite e enroscava, aí eu tirei, foi rapidão [gesticula puxando a corda de seu cabelo]”. Seu movimentar esportivo estabelece, pois, relação com o caos, acolhendo a imprevisibilidade e a incerteza (Berns; Fontana, 2016; Porto, 2005). Em meio à situação, Érika não tinha certeza se puxar a corda resolveria o problema, tornando esse ato um gesto de coragem, uma vez que existia o risco de a corda se enroscar ainda mais, “ela ficou travada ali, sabe aqueles 5 segundos que parece meia hora? Só que ela é uma atleta de ponta, solucionou ali o problema e acelerou um pouco a apresentação para poder pegar novamente o tempo da música” (Treinadora).

Rompe-se com a imobilidade e retoma-se o movimento com um novo olhar sobre a realidade (Berns; Fontana, 2016), pois a ginasta ressignificou o momento, recolocando-se no espaço-tempo, compensando os segundos perdidos de música. Sentir, pensar e agir foram as atitudes necessárias para que ela se auto(re) organizasse e completasse a coreografia (Zoboli; Barreto, 2006). A experiência do mundo se desdobrou através do corpo, concomitante à mediação do pensamento (Merleau-Ponty, 2018), descrito por Silva e Carbinatto (2024) como a celebração de uma corporeidade legítima de comunicação.

Nossa imersão no campeonato confirmou situações semelhantes:

O arco rola para longe, ela rapidamente corre atrás dele e o recupera, olho para seu semblante e vejo um sorriso, aparentemente ela riu do que aconteceu, então continua os movimentos. As mãos estão trêmulas, mas ela não para. Ela fica de costas para o público e para os jurados para executar dois saltitos com passagem pelo arco, quando vejo seu rosto novamente, outro semblante, ela respira fundo e balança a cabeça, teve que acelerar um pouco os movimentos, sentiu que estava perdendo o tempo da música (Diário de campo da pesquisadora).

Antes do lançamento do arco, enxergo exatamente o que fora descrito na entrevista: ela respira fundo e lança o aparelho, contudo a direção foi um pouco equivocada e quase ela perde o aparelho. Ela se assusta com o retorno do aparelho, fecha os olhos com força e contrai o corpo e o recupera. Ao perceber o sucesso, abre os olhos aliviada e prepara a pose final (Diário de campo da pesquisadora).

Reconhecemos que a técnica adquirida por meio do treinamento permite que o seu se movimentar vá além do coreografado, sendo capaz de fazer, criar e recriar em constante práxis dialética (Melo, 2022). Quando a percepção do indivíduo proporciona uma apresentação variada e bem articulada, suas intenções motoras recebem as respostas esperadas do mundo, adquire significativo controle sobre o ambiente, criando um contexto em que o corpo e o mundo coexistem. Tal compreensão dos fenômenos perceptivos é fundamentalmente influenciada pela noção do nível espacial e pela consideração do corpo como sujeito do espaço, destacando como

a experiência do corpo no ambiente afeta a interação com o mundo circundante (Merleau-Ponty, 2018). Esse fato reverbera uma experiência estética ligada ao sensível, vislumbrando sentidos e proporcionando possibilidades de reconstrução (Berns; Fontana, 2016). Por tal, afirma um dos atributos do ser-atleta: sabedoria para lidar com a imprevisibilidade. Apesar das incertezas inerentes ao esporte, este representa um sonho tangível que ela deseja viver plenamente (Porto, 2005).

A imprevisibilidade no esporte reflete a natureza dinâmica e complexa das competições, onde, apesar de todos os treinamentos e estratégias, o resultado nunca é totalmente garantido. Bento (2004, 2007) argumenta que essa característica estimula o desenvolvimento humano, pois exige adaptação, resiliência e criatividade diante de situações inesperadas. Além disso, a imprevisibilidade promove a essência lúdica do esporte, lembrando que, apesar de toda a preparação, há sempre um espaço para o inesperado, o que mantém o espírito esportivo vivo e vibrante. Por sua vez, a imprevisibilidade do mundo, segundo Merleau-Ponty (2018), surge do fato de que nossa percepção é sempre situada e subjetiva, e o mundo se apresenta a nós de maneira sempre nova e inesperada. Não existe uma totalidade estática que possa ser completamente conhecida; ao contrário, o mundo é vivido como um fluxo constante de experiências, onde o inesperado é uma parte intrínseca da existência. Essa visão desafia a ideia de um mundo totalmente controlável e previsível, sugerindo que viver é estar em constante negociação com o desconhecido, em um processo contínuo de descoberta e adaptação.

Érika reforça que deve sempre melhorar, ecoando o conceito do areté, em prol da superação e do entusiasmo pela busca da excelência (Carbinatto; Henrique; Patricio, 2023; Nigosky *et al.*, 2023). No campeonato em que estivemos presentes, notamos certa tensão antes da apresentação da segunda rotina. Ela esfregava as mãos, sentia sede. Contudo, ao adentrar o espaço de apresentação, Érika demonstrou confiança e reconheceu a necessidade de exibir destreza em seus movimentos. Demonstrou controle sobre o aparelho, tratando-o como uma extensão natural de seu corpo. Executou cada movimento no ritmo da música, expressando as nuances requeridas pela melodia, alinhando-se com a narrativa expressa em sua entrevista: “Tenho que colocar o pé na frente, erguer o pescoço e esquecer o passado. Primeira coisa que eu devo fazer é escutar a música, primeiro, aí ela começa, aí eu faço o passo [...] tem que sorrir” (Érika).

Contrariedades instigam seu ser-atleta quando ela assume que gosta da emoção e tremedeira, que isso é a sua vida. Mesmo que a responsabilidade pelo resultado não esteja totalmente sob seu controle, a responsabilidade pelo desejo de ser a campeã é sua (Frascareli, 2008). Durante a performance no campeonato, especialmente na segunda rotina, é possível observar Érika calculando meticulosamente cada movimento. Sua abordagem é cuidadosa, sem pressa e, embora um leve sorriso seja notado, seu semblante permanece tenso, especialmente ao executar os movimentos que apresentou dificuldades na primeira apresentação. No palco esportivo, absorve a taça da esperança e autoconfiança (Ribeiro, 2012). Suas mãos e pés realizam externamente o que a razão, a alma, o ânimo e o coração idealizam internamente. O que é visível externamente está intrinsecamente ligado à

interioridade da consciência e da vontade (Porto, 2005), mantidos firmemente pela paixão que o atleta nutre por seu esporte.

3.2 COM(VIVÊNCIA) ESPORTIVA: EU-OUTRO-MUNDO

Estudos recentes no campo esportivo têm revelado que a interação com outros indivíduos potencializa a experiência esportiva (Nigosky *et al.*, 2023; Patricio; Carbinatto, 2023), pois o sujeito não apenas se descobre, mas também compreende a presença do outro, encontrando ali um prolongamento de suas intenções (Porto, 2005). Ao ouvirmos a percepção de Érika, os juízes ganham notoriedade.

As performances da GR Adap (Special Olympics, 2008; 2016) são pautadas na Ginástica Rítmica da FIG, ou seja, também há a apresentação de uma rotina coreográfica com aparelhos. Especificamente nas Olimpíadas Especiais, há 09 eventos oficiais, sendo eles os níveis básicos A, B, C (ginastas masculinos e femininos, individual e duplas); níveis 1, 2, 3, 4 (feminino, individual e duplas); rotina de grupo mista (feminino e masculino) e rotina de grupo, sendo os aparelhos variáveis conforme esses níveis.

Nos níveis básicos A, B as séries são obrigatórias e os/as ginastas se apresentam sentados. No nível básico C a série obrigatória é realizada em pé e a ênfase se dá no desenvolvimento de habilidades corporais e manuseio de aparelhos separadamente. A arbitragem nas referidas classes ocorre por um único juiz e/ou a média simples dos juízes, exceto quando há 04 ou mais juízes, pois, nesse caso, o diretor da competição pode optar pela exclusão da maior e menor nota e, então, a média das notas. A rotina possui a nota de 5,0, sendo que cada habilidade demonstrada terá nota de 0,10 à 1,0, observados execução com boa amplitude, musicalidade e manuseio de aparelho.

Por sua vez, no nível 1, as ginastas realizam rotinas obrigatórias integrando habilidades corporais e aparelhos, como, por exemplo, *chassé*, *grand battement*, *equilibrio passé*. No nível 2 e 3 mantêm-se as séries obrigatórias, aumentando-se a complexidade do manuseio e elementos corporais. Então, no nível 4, as séries são livres, com exigências de competição, como a utilização de música, 06 dificuldades corporais e manuseio. A arbitragem é subdividida.

Enfim, os grupos realizam rotinas obrigatórias, propostas para ginastas de diferentes níveis e subdivididas em grupos pequenos (4 a 6) e grandes (8 a 12), mantendo-se – apenas – números pares.

Leite, Carvalho e Salerno (2022) esclarecem que os eventos de GR Adap no Brasil seguem, pois, orientações das Olimpíadas Especiais, uma vez que essa se torna a referência para a prática. Ainda que alguns ajustes sejam realizados a depender do nível do evento – garantindo, por exemplo, competitividade entre os/as ginastas, as propostas de rotinas, bem como as de arbitragem, seguem às daquele evento.

As atletas ensaiam suas rotinas coreográficas com base nas diretrizes enviadas pelas Olimpíadas Especiais, que garante uma avaliação justa a todas as competidoras. No dia da competição, a banca recebe uma ficha com os movimentos

a serem realizados sequencialmente. A Banca D analisa a dificuldade e os riscos dos movimentos corporais e do aparelho, verificando se o movimento descrito na ficha foi realizado e como foi executado. Por outro lado, a Banca E avalia a performance técnica, execução rítmica e artística.

Érika demonstra plena consciência de que, ao pisar no tapete, olhares minuciosos estão prontos para analisar cada um de seus movimentos. Portanto, a presença dos juízes impacta seu ser-atleta: “Os jurados ficam na frente [ela pega um pequeno caderno e faz uma demonstração corporal de alguém anotando] e eu tenho que fazer errado ou o certo [...] E eu tenho que fazer tudo certo. Eu fico bem ansiosa” (Érika).

A adequação da pessoa à tarefa e ao ambiente é uma pré-condição significativa para otimizar as ações das ginastas durante a competição, influenciando diretamente seu desempenho (Lourenço; Barbosa-Rinaldi, 2014). O pensamento do outro gera dúvidas e incertezas em relação ao próprio ser-atleta de Érika, evidenciando que seus gestos são moldados pelo mundo e, conseqüentemente, pelo outro (Porto, 2005). Érika expressa o desejo de impactar positivamente os juízes. Não obstante, Merleau-Ponty (2018) acrescenta que o sentido do gesto não está isolado dele, mas sim, confunde-se com a estrutura do mundo que o gesto delineia, como o da competição.

Ao findar sua rotina, Érika expressa que fica emocionada. Novamente, lágrimas escorrem, revelando a densa incorporação da sua valentia (do juramento do atleta), recorda os aplausos e o dever cumprido perante os jurados. Aliás, o espectador contribui para o seu sentido atlético. Ela se sente admirada mesmo por pessoas distantes de seu círculo pessoal, o que a incentiva a progredir na carreira (Toledo, 2010). Érika afirma que os aplausos geram uma energia positiva nela, seja durante um campeonato ou em outros momentos, como na abertura das Olimpíadas Especiais, no Panamá. Ela recorda: “Foi divertido... emocionante... Eles gritam ‘Brasil’”. E acrescenta: “Era meu sonho ser reconhecida”, fortalecendo sua identidade como atleta.

Então, ela abre revistas com matérias de jornais e revistas que enalteceram seus feitos. Destaca o anuário do Troféu Fumagalli, como atleta destaque:

Érika: Foi orgulho para mim.

Pesquisadora: Orgulho de quê?

Érika: Sobre minha vida.

Pesquisadora: E...

Érika: Se eu tenho capacidade, os outros também

Merleau-Ponty (2018) enfatiza que o corpo é intrinsecamente sensível e está sujeito a mudanças e aberto a novas percepções, e o outro que nos vê — árbitro ou espectador — infere diretamente na percepção vivida pela atleta.

Na sequência, Érika se empodera do seu papel como referência ao outro, pois menciona os amigos da *Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais* (APAE) mostrando como, por meio do esporte, ela constrói a si mesma. Comumente, pessoas com deficiência intelectual enfrentam dificuldades nos relacionamentos, especialmente na fase adulta, e o envolvimento com o esporte parece proporcionar

pertencimento mais amplo à sociedade, assunto que transcende ideias capacitistas da deficiência (Schantz, 2021).

Schantz (2021) explana que o esporte não é apenas uma atividade física, mas um campo social onde a pessoa com deficiência pode desafiar e superar estereótipos e preconceitos, mostrando suas capacidades e competências em um contexto que valoriza a performance, o esforço e a superação de limites. Ao participar de esportes, as pessoas com deficiência têm a oportunidade de redefinir a forma como são vistas, tanto por si mesmas quanto pela sociedade, fato corroborado em pesquisa com nadadora com Síndrome de Down por Nigosky e pesquisadoras (2023). Neste sentido, o esporte pode permitir que essas pessoas assumam papéis de destaque, demonstrem habilidades e conquistem reconhecimento, o que contribui diretamente para o seu empoderamento, amplificado quando reivindicam seus direitos na sociedade.

Laços sólidos foram, também, estabelecidos com a equipe: treinadora e outras atletas. Inclusive, Érika recordou ajuda a uma colega, quando esta perdeu a sua medalha no quarto do hotel. Na observação do evento, notamos a ginasta com certa liderança, encorajando, vibrando e se preocupando com a apresentação dos pares. Sua interação com os outros desperta sua faceta sensível e solidária, permitindo-lhe ver não apenas o próprio mundo, mas também o mundo dos outros, sem precisar se afastar de sua própria perspectiva (Merleau-Ponty, 2018).

Érika nos apresenta uma carta de uma amiga da equipe que expressa como ela é amada por suas colegas e incentivadora da permanência na ginástica, além de agradecer o acolhimento desde que entrou na equipe. Fazer parte de uma comunidade, no caso, uma equipe, envolve algo além do “eu”; em equipe, há uma troca de sentimentos, uma união afetiva e experiências compartilhadas que partem do sujeito para o grupo (Patrício; Carbinatto, 2023).

Outrossim, parece compartilhar com o que Bento (2004) descreve como competição: é uma oposição cooperante! Pois Érika compartilha informações, acolhe, conversa e agrega a sua principal concorrente no evento competitivo. Diferente dos conceitos bélicos e capitalistas que envolvem a competição (Shields; Bredemeier, 2009), Érika também desejava ver o melhor desempenho da oponente.

Ela observa cada movimento da amiga e comemora cada acerto, leva a mão até a boca quando observa alguns riscos (Diário de campo da pesquisadora).

Sob a abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty, a afetividade é percebida não apenas como uma coleção de estados afetivos isolados, prazeres ou dores contidos em si mesmos, mas como uma forma singular de existir e interagir com o mundo. Nesse contexto, ela é compreendida como uma dialética dramática entre um corpo em direção a outro corpo (Nóbrega, 2008). A necessidade do outro para nos sentirmos como corpos completos no mundo não implica na perda da singularidade, mas revela que não somos sujeitos individualizados. Através do outro, nos transformamos, nos conhecemos e nos completamos (Merleau-Ponty, 2018; Patrício; Carbinatto, 2021).

Por fim, a família e a treinadora entram em cena em uma constância e frequência inserida na própria história de vida da atleta. É neles que Érika pensa quando está no pódio. Essa reflexão é evocada tanto ao descrever sua participação no Panamá quanto ao atribuir significado à imagem das atletas no pódio.

Pesquisadora: Em quem que você pensa, quando você está recebendo medalha?

Érika: Na minha mãe e na minha professora (Quando conversamos sobre as medalhas conquistadas por ela e que ela nos mostra).

Érika: Eu fico muito feliz, esforço e conquista [...] minha família. Porque ela está sempre ao meu lado (Quando reporta o motivo por ter escolhido uma imagem de atletas no pódio e de atleta com as medalhas).

A treinadora é um porto seguro para Érika, o que corrobora com estudos que analisam a interferência direta do treinador/a sobre a carreira do atleta tanto positiva quanto negativamente (Wekesser, *et al.*, 2021; Patricio, *et al.*, 2023). Durante a entrevista, Érika compartilhou que segue as instruções de maneira precisa. Entre elas, existe um gesto que se tornou um código motivacional: cerrar os punhos com força e balançar a cabeça positivamente, indicando força. Érika e sua treinadora trocam esse gesto antes e depois das apresentações. Esses gestos simbolizam uma mensagem de encorajamento e reconhecimento, como se estivesse dizendo à Érika para ser forte no início da apresentação e, ao final, expressando que ela foi forte. A comunicação entre elas evoluiu para incluir sinais afetivos com significado único, uma forma de comunicação que transcende as palavras e é compreendida apenas por elas, ilustrando a profundidade da afetividade em sua relação (Merleau-Ponty, 2018; Nóbrega, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Suportado pelos caminhos da análise fenomenológica, integramos essa pesquisa na luta do reconhecimento pleno do esporte para a pessoa com deficiência, afastando-se de preceitos capacitistas (Salerno; Miyashiro, 2022), revelando-o íntegro, completo, digno de ser-atleta.

Na sociedade ocidental, a busca incessante por respostas aos mistérios do mundo, moldada por um reducionismo mecanicista, gerou avanços notáveis na ciência e, conseqüentemente, no esporte. Contudo, essa visão também nos restringiu, ao desvendar o ser humano enquanto máquina, nos afastando da compreensão mais profunda da essência de nossa presença no mundo. O corpo da pessoa com deficiência, frequentemente negado e menosprezado, tem passado por uma ressignificação social, na intenção de atribuir-lhe significados para além das perspectivas biológicas e utilitárias (Carbinatto, 2022; Porto, 2005).

Tal fato se refletiu na Educação Física e Esporte, no qual o olhar sobre a pessoa com deficiência, muitas vezes presos à eficiência mecânica, negligencia a riqueza do se-movimentar. A padronização, o autoritarismo, o tecnicismo exacerbado e a rigidez na execução de movimentos esportivos frequentemente desconsideram a singularidade e diversidade dos corpos, indo na contramão da promoção do

empoderamento individual, do respeito à diversidade e da criação de experiências esportivas que verdadeiramente incentivem uma vida ativa e inclusiva.

Embora o estudo do “movimento” tenha avançado, com muitas questões sendo esclarecidas, novas perguntas continuam a emergir. Profissionais de diversas áreas começam a reconhecer a complexidade e a diversidade do movimento, especialmente no contexto das pessoas com deficiência, ficando evidente que a compreensão do enlace esporte e a pessoa com deficiência requer múltiplos enfoques, que vão além de uma única perspectiva, assumindo, pois, a própria limitação deste trabalho.

Alertamos, porém, que é preciso cautela para não cairmos na visão equivocada de que o esporte para pessoas com deficiência não seja de rendimento ou que não exija a mesma dedicação, alta performance e processos seletivos rigorosos que caracterizam o esporte convencional. No contexto das Olimpíadas Especiais, por exemplo, embora haja uma filosofia de inclusão e valorização de todos os atletas, é fundamental reconhecer que a participação em competições de alto nível exige, pois, uma seleção. A atleta participante da pesquisa, que se destaca entre suas colegas, enfrenta os mesmos desafios e demandas que qualquer outro atleta de alto rendimento. Talvez, considerar que o esporte para pessoas com deficiência não deve ter seleção ou que todos deveriam participar indiscriminadamente seria adotar uma perspectiva capacitista, que desvaloriza o potencial e a competitividade desses atletas.

O esporte de rendimento para pessoas com deficiência deve ser visto com o mesmo respeito e seriedade que o esporte convencional, reconhecendo que esses atletas estão sujeitos a todas as exigências do esporte de alto desempenho. Ainda que de forma gradual, cresce a esperança de que essa nova perspectiva, que respeita a diversidade humana e reconhece as singularidades de cada indivíduo, leve a um caminho onde a convivência com o outro, em sua plenitude e diversidade, seja essencial para a vida. Ao confiar em suas habilidades, reconhecer seus limites e envolver-se com os preceitos éticos e estéticos do esporte, a pessoa com deficiência pode alcançar sua emancipação (Porto, 2005; Bento, 2007; Schantz, 2021; Carbinatto, 2022).

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares; OTA, Juliana. (In) tensões em fluxo no corpo vivo. **Pensar a Prática**, v. 26, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.71751>

BENFICA, Dallila Tâmara. **Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos socioculturais do movimento humano; Aspectos biodinâmicos do movimento humano) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/pgedufisica/wp-content/uploads/sites/114/2021/03/DALLILA-T%C3%82MARA-BENFICA.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.

BENTO, Jorge Olímpio. Do Homo Sportivus: relações entre natureza, cultura e técnica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 4, p. 315-330, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16676>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BERNS, Cristiane; FONTANA, Vanessa Furtado. O Corpo e a imagem: uma abordagem fenomenológica. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: produção didático-pedagógica, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. v. 2. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_pdp_serli_rech_moleta.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos femininos em debate: ser mulher na ginástica rítmica. **Movimento**, v. 26, e26005, p. 1 -15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.90272>

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Posfácio: Mais que palavras, precisamos agir em busca de uma ginástica para todos. In: SALERNO, Mariana Brasiliano; CARBINATTO, Michele Viviane. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 311-314.

BRASIL. Lei nº 14.439, de 24 de agosto de 2022. [Lei de Incentivo ao Esporte]. **Diário Oficial da União**, Seção 1, n. 162, p. 5, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.439-de-24-de-agosto-de-2022-425047217>. Acesso em: 28 ago. 2024

BRASIL, Senado Federal. **Lei n. 14.597, de 14 de junho de 2023**. Institui a Lei Geral do Esporte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm. Acesso em: 30 jul. 2023.

CARBINATTO, Michele Viviane. Por uma prática corporal que reconheça a corporeidade do vivente. In: SALERNO, Mariana Brasiliano; CARBINATTO, Michele Viviane. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 13-32.

CARBINATTO, Michele Viviane; HENRIQUE, Nayana Ribeiro; PATRICIO, Tamiris Lima. Se-Movimentar ginástico: um olhar fenomenológico sobre o processo de ensino e aprendizagem da ginástica. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349247388>.

CARVALHO, Jorge Vilella. Dimensões do desporto de alta competição para atletas com deficiência. In: RODRIGUES, David. **Atividade motora adaptada**: a alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 199-213.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **Gymnastics for all Manual**. 2023. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual.%20Edition%202023.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.

FONSECA, Ricardo Tadeu Marques da. O novo conceito constitucional de pessoa com deficiência: um ato de coragem. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região**, n. 10, p. 45-54, 2012. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/78834>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FRANCO, Roseane Barroso; OLIVEIRA NETO, Artur Maciel de Oliveira. A historical overview of the process of inclusion of people with disabilities in the labor market. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1871>.

FRASCARELI, Lígia Silveira. **Interfaces entre psicologia e esporte**: sobre o sentido de ser atleta. 2008. 198f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GAVÉRIO, Marco Antonio. Nada sobre nós, sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos disability studies. **Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 14, n. 1, p. 95–117, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1158>. Acesso em: 4 dez. 2023.

GÓIS JÚNIOR, Edival; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinicius Demarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. **Movimento**, v. 21, n. 4, p. 973-984, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.52754>

HARPER, Douglas. Talking about pictures: a case for photo elicitation. **Visual Studies**, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1080/14725860220137345>.

HOWE, David; JONES, Carwyn. “Classification of disabled athletes: (dis)empowering the paralympic practice community”. **Sociology of Sport Journal**, v. 23, n.1, p. 29-46, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.23.1.29>

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papius, 2003.

LEITE, Elisete de Andrade *et al.* Ginástica rítmica: experiência baseada nos esportes unificados da Special Olympics. **Motrivivência**, v. 32, n. 61, p. 1–18, 2020. DOI: <http://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e64990>

LEITE, Elisete de Andrade; CARVALHO, Camila Lopes de; SALERNO, Marina Brasileiro. Ginástica Rítmica Adaptada para pessoas com deficiência intelectual: orientações para iniciação da prática. In: SALERNO, Mariana Brasileiro; CARBINATTO, Michele Viviane. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 127-146.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014. p. 43-64.

MELO, Mércia Lima. **Nado artístico**: a sincronia do corpo para a Educação Física. 2022. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) — Departamento de Fisioterapia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Silvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>

NIGOSKY, Marina Ferraz de Toledo *et al.* Ser-esportista: experiência vivida no nado artístico por uma atleta com síndrome de Down. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-18, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e93933>

NÓBREGA, Tereza Petrócia. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>

NÓBREGA, Tereza Petrócia. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação. **Revista Científica da FASETE**, v. 13, n. 21, p. 36-50. 2019. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos_%20e_tecnicas_de_pesquisa_em_educacao.pdf. Acesso em: 4 ago. 2023.

- OLIVEIRA, Lucas Machado de; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; PIZANI, Juliana. Produção de conhecimento sobre ginástica na escola: uma análise de artigos, teses e dissertações. **Movimento**, v. 26, p. e26017, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.95122>
- OLIVEIRA, Lucas Machado de *et al.* Panorama das ginásticas de competição na pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física no Brasil. **Movimento**, v. 30, p. e 30011, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139298>
- PATRÍCIO, Tamiris Lima *et al.* Relação pais-técnicos-atletas: estado da arte em periódicos nacionais em Educação Física e esporte. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 11, p. 1 – 11. 2023. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/aces/article/view/6970>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- PATRÍCIO, Tamiris; CARBINATTO, Michele Viviane. Lived experiences of participants in the World Gymnaestrada: recognizing “for all”. **Science of Gymnastics Journal**, v. 15, n. 1, p. 109-119, 2023. DOI: <https://doi.org/10.52165/sjg.15.1.109-119>
- PATRÍCIO, Tamiris; CARBINATTO, Michele Vivienne. Merleau-Ponty e ginástica para todos: repensando paradigmas na educação física/esportes. **Conexões**, v.19, e021025, p. 1-20, 2021. DOI <https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8661275>.
- PATRÍCIO, Tamiris; CORRÊA, Lionela da Silva; CARBINATTO, Michele Viviane. Atitude fenomenológica e estudos sobre Ginástica para Todos: do mergulhar ao suspender. **Praxia**, v. 6, p. e2024008, 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/14627>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- PEERS, Danielle. “(Dis)empowering paralympic histories: absent athletes and disabling discourses.” **Disability & Society**. v. 24, e. 5, p. 653–65. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/09687590903011113>
- PEREIRA, Hosana Cláudia Matias da Costa; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Ginástica rítmica, um entrelaçamento entre corpo e técnica. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 265-281, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p265>
- PEREIRA, Jaquelline Andrade; SARAIVA, Joseana Maria. Trajetória histórico social da população deficiente: da exclusão a inclusão social. **Ser Social**, v. 19, n. 40, p. 168-185, 2017. DOI: https://doi.org/10.26512/ser_social.v19i40.14677
- PORTO, Eliane. **Corporeidade do cego**: novos olhares. Piracicaba: Editora UNIMEP/Memmon, 2005.
- REIS-FURTADO, Lorena Nabanete dos *et al.* Esporte e mídia social: análise do Instagram da Confederação Brasileira de Ginástica. **Journal of Physical Education**, v. 32, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3213>
- RIBEIRO, Jean Carlos. Corporeidade no esporte: a interação como ato educativo. *In*: MOREIRA, Wagner Wey *et al.* **Ciências do esporte, educação, desempenho e saúde**. Uberaba: UFMT, 2012. p. 25-38.
- SALERNO, Mariana Brasileiro; CARBINATTO, Michele Viviane. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Editora Bagai, 2022.
- SALERNO, Marina Brasileiro; MIYASHIRO, Nayane Vieira de Lima. Ginástica e reflexões para a superação do capacitismo: aspectos históricos e culturais das diferenças. *In*: SALERNO, Marina Brasileiro; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 33-48.
- SANTOS, Clara Miranda; RAIMUNDO, Carlos Felipe Evangelista. O método qualitativo e a abordagem fenomenológica: características e afinidades. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, out-dez. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/2017/04/metodo-qualitativo.html>. Acesso em: 4 ago. 2023.

SARÔA, Giovanna; SALLES, Cecília Almeida. Ginástica rítmica nas Olimpíadas Especiais Brasil. In: SALERNO, Mariana Brasileiro; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai. 2022 p. 223 - 244.

SCHANTZ, Otto. Os Jogos Paralímpicos contribuem para o empoderamento das pessoas com deficiência? In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; MONTEIRO, Alberto de Oliveira; GARCIA, Rui Proença (org.). **Filosofia do Esporte**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2021. p. 18- 33.

SERON, Bruna Barbosa; GREGUOL, Márcia. Esporte Paralímpico na educação física: um facilitador no processo de inclusão. In: SERON, Bruna Barboza; BRANDOLIN, Fabio. **Experiências no Esporte Paralímpico**: um passo a favor da inclusão. São Paulo: Instituto Benjamin Constant, 2020. p. 36-55.

SERON, Bruna Barboza *et al.* O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, v. 27, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113969>

SHIELDS, David Light; BREDEMEIER, Brenda Light. **True Competition**: a guide to pursuing excellence in sport and society. Champaign: Human Kinetics, 2009.

SILVA, Enoly Cristine *et al.* Aspectos bibliométricos das publicações científicas brasileiras sobre competição esportiva. **Corpoconsciência**, v. 27, e15176, p. 1-12, 2023a. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.27.e15176>

SILVA, Enoly Cristine *et al.* Narrativas sobre competição esportiva: reflexões e perspectivas. **Pensar a Prática**, v. 26, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.75674>

SILVA, Enoly Cristine *et al.* Proposta internacional da ginástica para pessoa com deficiência: desbravando o projeto do Reino Unido. In: SALERNO, Marina Brasileiro; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 267-298.

SILVA, Enoly Frazão da; CARBINATTO, Michele Vivienne. Le monde vécu dans la gymnastique rythmique: perception d'un gymnaste atteint du syndrome de down. In: ANDRIEU, Bernard; JONCHERAY, Hélène; RICHARD, Rémi (org.). **Philosophie du sport**: olympism et paralymphisme. France: Vrin, 2024. p.353-376.

SILVA, Jaqueline Monique Marinho; NUNES, Leila Márcia Azevedo; AMORIM, Ida de Fátima Castro. Mídia e pessoa com deficiência em/na ginástica: (in) visibilidade. In: SALERNO, Marina Brasileiro; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Bagai, 2022. p. 299-310.

SILVEIRA, Andréa Luiza da *et al.* Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição da Pessoa com Deficiência Física. **Revista da Abordagem Gestáltica**: Phenomenological Studies, v. XVIII, n. 1, jan-jun, 2012, pp. 30-36. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735516005.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2024

SPECIAL OLYMPICS. **Rhythmic gymnastics coaching guide**. Special Olympics, 2008. Disponível em: https://special-olympics.be/wp-content/uploads/2022/08/specialolympics_rhythmicgymnastics.pdf. Acesso em: 26 ago. 2024

SPECIAL OLYMPICS. **Rhythmic Gymnastics Sports Rules**. Version June 2016. Special olympics, 2016. Disponível em: <https://media.specialolympics.org/resources/sports-essentials/sport-rules/Sports-Essentials-Rhythmic-Gymnastics-Rules-2016-2023.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SURDI, Aguinaldo César. **A educação física e o movimento humano significativo: uma possibilidade fenomenológica**. Curitiba: Appris, 2020.

THOMAS, Carol. The 'Disabled' Body." *In*: EVANS, Mary; LEE, Ellie. **Real Bodies: a sociological introduction**. Basingstoke: Palgrave, 2002. p. 64–78. DOI: https://doi.org/10.1007/978-0-230-62974-5_5

TOLEDO, Eliana. Estética e beleza na ginástica rítmica. *In*: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, p. 536-550, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i2.0014>

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. SIMPÓSIO INTERNACIONAL REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS, 3, 2019. [Anais...]. São Carlos: Unicamp, p. 16-25, 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389>. Acesso em: 13 de out. 2022.

WEKESSE, Meredith M. *et al.* Coaches' impact on youth athletes' intentions to continue sport participation: the mediational influence of the coach–athlete relationship. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 16, n. 3, p. 490-499, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/17479541219918>

WINNICK, Joseph. **Adapted physical education and sport**. Champaign: Human Kinetics, 2005.

ZOBOLI, Fábio; BARRETO, Sidirley de Jesus. Corporeidade como fator de inclusão das pessoas em condição de deficiência. *In*: RODRIGUES, David. **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 71-79.

Abstract: Contrary to ableist precepts regarding the body of individuals with disabilities, we reveal the perception of the experience lived by an athlete with Down Syndrome in adapted rhythmic gymnastics who is part of high-performance teams and participating in national and international events. Grounded in qualitative research with phenomenological analysis, data construction was conducted through the intersection of information from an informative questionnaire, two interviews, and non-participant observation. Our analyses revealed an effective recognition of “being an athlete”, evidenced in sports dualisms and paradoxes such as victory and defeat, and in coexistence — among family, coach, judges, and the audience. By focusing on the lived experience of a person with a disability in sports, we aimed to support the emancipation and empowerment of this audience in the field, transcending Cartesian prerogatives of the body, revealing a sports experience for and by all.

Keywords: Gymnastics. Down Syndrome. Philosophy. Qualitative Research.

Resumen: Contrariamente a los preceptos capacitistas sobre el cuerpo de la persona con discapacidad, revelamos la percepción de la experiencia vivida por una atleta con Síndrome de Down en la gimnasia rítmica adaptada perteneciente a equipos de alto rendimiento y participante en eventos nacionales e internacionales. Fundamentada en investigación cualitativa con análisis fenomenológico, la construcción de datos se llevó a cabo a través de la intersección de información proveniente de un cuestionario informativo, dos entrevistas y una observación no participante. Nuestros análisis revelaron un reconocimiento efectivo del ‘ser-atleta’, evidenciado en los dualismos y paradojas deportivas como la victoria y la derrota, y en la convivencia — entre familiares, entrenadora, jueces y el público. Al centrarnos en la experiencia vivida de una persona con discapacidad en el deporte, buscamos apoyar la emancipación y empoderamiento de este público, trascendiendo las prerrogativas cartesianas del cuerpo, revelando un mundo deportivo experimentado para y por todos.

Palabras clave: Gimnasia. Síndrome de Down. Filosofía. Investigación Cualitativa

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Enoly Cristine Frazão da Silva: Auxiliou na coleta de dados; analisou textos e os discutiu entre pares; realizou parte da escrita, realizou a conferência final do texto.

Lionela da Silva Corrêa: Compilou as reflexões na escrita, analisou textos e os discutiu entre pares.

Michele Vivienne Carbinatto: Supervisionou a relação objetivo/metodologia; analisou os textos e discutiu entre pares; realizou parte da escrita, realizou a conferência final do texto.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo. Número na Plataforma Brasil CAAE: 56048121.0.0000.5391.

COMO REFERENCIAR

SILVA, Enoly Cristine Frazão da; CORRÊA, Lionela da Silva ; CARBINATTO, Michele Vivienne. “Eu sou atleta!”: Mundo vivido na ginástica rítmica adaptada. **Movimento**, v. 30, p. e30043, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139576>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga*, Elisandro Schultz Wittizorecki*, Mauro Myskiw*, Raquel da Silveira*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.